

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT06.025

RELAÇÃO INTRÍSECA ENTRE CURRÍCULO, FREIRE E HOOKS PARA FORMAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA E ANTIRRACISTA

Jefferson Duarte Pacheco¹

RESUMO

Este artigo apresenta a importância do currículo como eixo norteador para a prática pedagógica. Nesse sentido, a abordagem de Freire (1996) critica o ensino tradicional para a formação de um aluno crítico, reflexivo e autônomo. Já Hooks (2013) salienta um novo tipo de educação pautada na prática de liberdade, na dominação e na libertação. O objetivo do estudo se deu em analisar a relação intrínseca entre currículo, Freire (1996) e hooks (2013) para as discussões que envolvem a educação como ato de transgressão, de humanização e de temáticas que enfatizam a diversidade étnico-racial. A relação entre escola, educador e educando deve ser compreendida como essencial, para que férteis discussões possam ser fomentadas em outros estudos. A pesquisa foi conduzida com base nos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa bibliográfica. Portanto, ancorado nas abordagens teóricas, o currículo se permeia por diferentes formas, como instrumento político e de resistência cultural, porém é indispensável desconsiderar a educação que reconheça as diferenças, em que não se pode excluir o discente pela sua classe, raça ou gênero, pois a construção de saberes se dá através das interações, trocas afetivas, recriações e ressignificações.

1 Mestre em Ensino na Educação Básica pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica PPGEEB – Campus São Mateus pela Universidade Federal do Espírito Santo – ES, profjeffersondp@gmail.com;

Palavras-chave: Currículo, Humanização, Transgressão, Educação antirracista.

INTRODUÇÃO

A escola, enquanto espaço de formação humana, é também um território de disputa de sentidos, identidades e poderes. No Brasil, país marcado historicamente por profundas desigualdades raciais, a educação assume um papel central na reprodução ou na superação dessas estruturas. A presença do racismo estrutural nas práticas e conteúdos escolares demonstra que o currículo não é neutro, mas um campo político permeado por escolhas ideológicas e culturais.

Nesse cenário, emerge a necessidade de uma educação antirracista comprometida com a justiça social e a valorização das identidades negras, indígenas e periféricas. Pensadoras e pensadores como bell hooks e Paulo Freire contribuem de forma significativa para essa discussão. Ambos defendem uma prática educativa crítica, amorosa e transformadora, que rompe com a lógica da opressão e promove o reconhecimento da pluralidade cultural e histórica dos sujeitos.

A relevância deste estudo reside na urgência de compreender como as concepções desses autores podem sustentar práticas curriculares que enfrentem o racismo e promovam uma pedagogia do diálogo, da libertação e da esperança.

São muitos os estudos sobre o currículo escolar, especialmente quando as vertentes de discussão se centralizam na relação entre escola, professor e aluno. Durante os desdobramentos das aulas da disciplina de Currículo ocorreram vários diálogos, problematizações e contribuições a respeito de caminhos para construção significativa da aprendizagem pautadas na perspectiva de emancipação e libertação.

Para embasar sobre as correntes teóricas a respeito do currículo, dos saberes necessários a prática educativa e a educação como prática de liberdade, traremos em lócus autores que foram trabalhados durante as aulas, sendo eles: Tomaz Tadeu da Silva (2016), Paulo Freire (1996) e bell hooks (2013). Outros autores como Ângela Davis (1944) também foram

mencionados, porém para a articulação deste ensaio faremos uso de Freire (1996) e hooks (2013) para as discussões que serão abordadas.

Esta pesquisa será conduzida com base nos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa bibliográfica. Para Gil (2010, p. 29) “a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos.”

Na primeira seção apresento uma breve colocação sobre o currículo e sua importância como eixo norteador para as práticas pedagógicas, enfatizando a mediação interligada ao papel da escola, a prática docente e o aluno como sujeito ativo na construção da aprendizagem. Na segunda, apresento a interlocução teórica entre Currículo na visão de Tomaz Tadeu da Silva (2016) através da obra Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo, Freire (1996) e hooks (2013) na perspectiva de emancipação, transgressão e libertação.

E por fim, a terceira seção correlaciono os teóricos com a proposta de pesquisa que desenvolverei na dissertação de mestrado, cuja ferramenta pedagógica a ser abordada será a contação de histórias.

O presente estudo objetiva em analisar a relação intrínseca entre currículo, Freire (1996) e hooks (2013) para as discussões que envolvem a educação como ato de transgressão, humanização e temáticas que abordem sobre a diversidade étnico racial. Nesse ponto de vista, estabelecemos como objetivos específicos: verificar a importância do currículo como eixo norteador para as práticas pedagógicas, verificar a interlocução teórica entre currículo, Freire (1996) e hooks (2013) e compreender a relação entre os teóricos com a proposta de pesquisa a ser desenvolvida na dissertação de mestrado.

UMA BREVE COLOCAÇÃO: NÓS SOMOS O CURRÍCULO

Pensar em educação, é refletir sobre o papel da escola, o professor como mediador do conhecimento, o aluno como agente de construção do seu aprendizado e a forma de como se constrói a aprendizagem.

A educação envolve valores, transmissão, construção de relações sociais e, por esse motivo, estamos imersos num espaço de ressignificação, sendo necessário analisar formas quanto ao tratamento e à construção de conhecimento que permitam ao aluno desvelar e participar ativamente nesse processo.

Para consolidação dessa aprendizagem, o currículo surge como tema relevante de discussões e análise para que as instituições escolares possam ter um aprimoramento nas práticas pedagógicas. O sujeito sofre modificações do meio que está inserido e adquire conhecimento de maneira informal e dentro da escola a construção da aprendizagem se dá pelo processo formal.

Sobre o conhecimento adquirido de maneira informal, compreendemos que:

[...] aprendizagem informal se caracteriza em todo e qualquer conhecimento adquirido de maneira informal, enquanto que a aprendizagem formal é aquela que atende uma sistematização de conhecimentos e conteúdo, sabendo-se que toda aprendizagem que precisa ser apreendida pelos alunos precisa ser garantido no currículo, um instrumento de propostas de grandes mudanças para atender o fazer pedagógico. (DAMASCENO, MESQUITA, 2015, p.8)

Nesse sentido, para que o conhecimento seja construído de maneira exitosa, o currículo será um instrumento de grande importância que deve ser elaborado e pensado, mas que venha garantir uma educação sistêmica que obedeça às normas legais do contexto educacional.

O currículo escolar assegura para que as instituições possam organizar o ano letivo, disciplinas, projetos didáticos e institucionais. Mesmo sendo um eixo norteador, mudanças no modelo de educação devem acontecer,

pois muitas instituições ainda permanecem num modelo arcaico e tradicional focado apenas no professor como transmissor de conhecimento. Nessa relação de construção de conhecimento, nos cabe refletir: O que é currículo? Qual sua importância no âmbito educacional? Quem é o currículo? O Estado? A escola? O professor ou o aluno?

Para responder o primeiro questionamento, considera-se que o currículo:

[...] é considerado o eixo temático central do fazer pedagógico, é um documento planejado e orientado pelas secretarias de educação estaduais e municipais que norteiam o trabalho das escolas. Devendo, portanto, estar em plena sintonia entre os anseios dos educandos, dos professores e de toda a sociedade em geral, uma vez que, é com base no currículo que se decide toda a vida escolar do sujeito que pretendemos formar. (DAMASCENO, MESQUITA, 2015, p.6)

Nesse sentido, tanto a escola quanto o currículo se tornam o aparelho do Estado, pois moldam os indivíduos, disciplinando sua forma de pensar e agir conforme é determinado no instrumento. A participação de todos os envolvidos do fazer pedagógico: professores, alunos e toda a comunidade escolar acerca da formulação e construção deve ser imprescindível, pois “todos são o currículo”.

Faz-se necessário discutirmos sobre os desafios que envolvem a escola, pois a instituição escolar é definida como um ambiente de construção de aprendizagem, mas ao invés de proporcionar aos seus educandos diversas situações de aprender, a formulação do conhecimento se articula na maioria através dos livros didáticos.

Alcançar uma educação de qualidade é oportunizar ao educando um ser ativo na construção da sua aprendizagem e nesse contexto o currículo se torna uma proposta norteadora do processo educativo, pois se transforma no eixo principal da escola.

É nesse pensar sobre as práticas pedagógicas inovadoras que o professor deve se tornar o mediador desse processo de construção que o educando necessita de fato aprender. Lembrando que é no cotidiano escolar que o grande desafio nos

é proposto a todo o momento, em que temos que estar preparados para saber que decisões e /ou mediações o professor mediador deve proporcionar aos seus educandos, mediante as indefinidas situações de aprendizagens que surgem durante todo o processo.(DAMASCENO, MESQUITA, 2015, p.10)

A escola tem se tornado o principal ambiente de transmissão de conhecimento, porém a influência da aprendizagem não acontece somente através do currículo escolar, mas também no currículo oculto, onde os educandos adquirem formas de atitude, comportamentos, valores, orientações, princípios e conhecimentos prévios em casa, na família. (CEREZER, 2007)

Dessa forma, entendemos que o currículo escolar deve ser encarado como um eixo norteador que contribuirá para um trabalho significativo na escola, capaz de transformar os discentes em sujeitos ativos, aperfeiçoará o trabalho pedagógico e funcionar como instrumento coletivo para que todos estejam comprometidos com o sucesso da aprendizagem.

TRANSGREDIR E AUTONOMIA: INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS SOBRE CURRÍCULO, PAULO FREIRE E BELL HOOKS

Como ponto de partida deste tópico, gostaria de elencar as discussões realizadas durante as aulas de Currículo, ministradas pela professora Eliane Gonçalves da Costa, que nos fez repensar a respeito da importância do currículo escolar como instrumento móvel e dinâmico, a forma de como a identidade se constrói no espaço escolar e a educação pautada no ensino da transgressão e na libertação, nos textos analisados de bell hooks e Paulo Freire, cujo os autores serão o cerne dessa interlocução teórica.

Nesse tópico faremos as discussões pautadas com base nos textos que nos fez compreender aspectos que nos rodeiam enquanto educadores, tais como: “a educação como prática de liberdade” (HOOKS, 2013) e “a educação como mecanismo para o desenvolvimento de um indivíduo autônomo” (FREIRE, 1996).

Além das reflexões sobre as teorias do currículo, vimos a importância da pedagogia feminista, sendo sua proposta construir um currículo que reflita de maneira equilibrada tanto a experiência masculina quanto a feminina, pois grande parte das escritas elencam a mulher como submissa e inferiorizada.

Faz-se necessário entendermos a efetiva participação do currículo como instrumento que possibilite uma prática inovadora pautada nas temáticas de identidade, raça, classe e gênero, para que todos possam se sentir inseridos no processo de construção de conhecimento.

O currículo, como espaço de significação, está estreitamente vinculado ao processo de formação de identidades sociais. [...] o currículo também produz e organiza identidades culturais, de gênero, identidades raciais, sexuais... Dessa perspectiva, o currículo não pode ser visto simplesmente como um espaço de transmissão de conhecimento. O currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos. O currículo produz, o currículo nos produz (SILVA, 2010, p. 27).

Além dessa efetiva importância do currículo, a escola também surge como espaço que deve oportunizar o desenvolvimento cognitivo e intelectual do aluno que, através de construção de experiências forma um elo entre o educando e um novo agente. Sendo assim, Chiappini (2011, p. 27) enfatiza que : “[...] a escola pode transformar o ser que se educa em um novo agente, um novo construtor de experiências, um elo fundamental nessa imensa cadeia de humanidade que atravessa os séculos.”

Cabe a escola oportunizar para que o desenvolvimento aconteça e que o aprendizado seja construído de forma qualitativa e que abranja toda a diversidade de seus alunos contribuindo para um aprendizado reflexivo.

Nessa conjuntura, o ato de ensinar se torna imprescindível, pois nas visões de Freire (1996) e Hooks (2013) a prática educativa vai além da transmissão de conhecimento, mas como um mecanismo ideológico e libertador.

No seu livro Pedagogia da Autonomia (1996), Paulo Freire nos apresenta os saberes necessários para a prática educativa, discussões que

abordam sobre: “não há docência sem discência”, “ensinar não é transferir conhecimento” e “ensinar é uma especificidade humana”. Os três capítulos escritos por Freire, mencionam sobre desvincular o ensino mecânico e burocrático para um ensino, onde o aluno se torna autônomo e o professor como aprendiz.

Figura 1 Livro Pedagogia da Autonomia



Fonte: Google, 2025

O livro surgiu para criticar o ensino tradicional e fazermos pensar a forma de como estamos conduzindo a construção do processo de ensino aprendizagem, pois o objetivo da educação é formar um aluno crítico, reflexivo e autônomo, pois ensinar exige pesquisa, respeito aos conhecimentos prévios dos educandos, possibilitar a reflexão, o reconhecimento e a assunção da identidade cultural.(FREIRE, 1996).

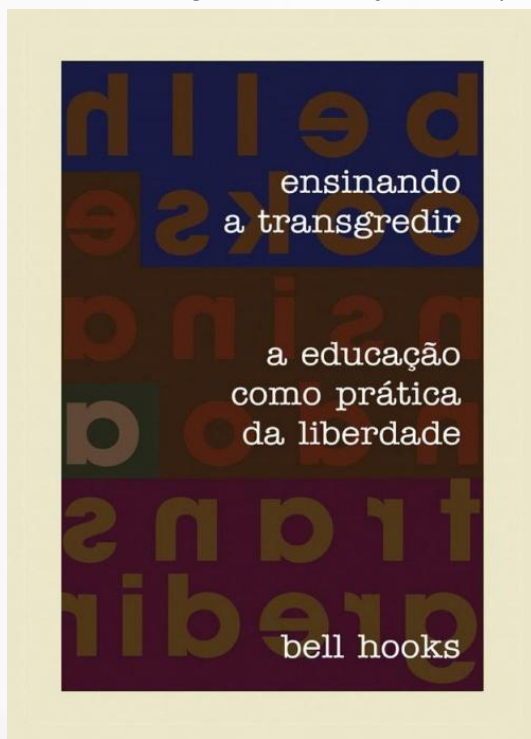
O autor Cerezer (2007, p.3) acrescenta que:

Paulo Freire critica o currículo existente através do conceito de “educação bancária”. Nesse contexto, o currículo tradicional

está afastado da situação existencial das pessoas que fazem parte do processo de conhecer. O currículo deve conceber a experiência dos educandos como a fonte primária para temas significativos ou geradores.

A obra escrita por Freire foi considerada militante, pois o objetivo era ressignificar e modificar o modo de educar/ensinar e mostrar a sociedade que o ato de ensinar poderia ocorrer de maneira qualitativa e coletiva sendo o processo de ensino aprendizagem construído na relação do professor como mediador do conhecimento e o aluno como sujeito ativo. Essa forma de perceber a educação de maneira humanizada fez com que bell hooks (2013) compreendesse a prática pedagógica como um mecanismo político e de resistência principalmente nas lutas antirracistas. No seu livro *“Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade”* (2013), a autora discorre escreve no ápice do multiculturalismo sobre os atos de educar baseados para dominar e para libertar.

Figura 2 Livro Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade



Fonte: Arquivo próprio, 2025

Nas suas escritas elenca sobre o sonho de ir à escola e de se tornar professora, pois naquela época ir para o espaço escolar era uma alegria imensa, principalmente porque os professores eram negros e a questão do lecionar tinha cunho político que se baseava nas raízes na luta antirracista. Porém, com a integração racial, os professores brancos lecionavam lições que reforçavam os estereótipos racistas. A educação a partir daquele momento deixou de ser vista como prática de liberdade.

Quando percebi isso, perdi o gosto pela escola. A sala de aula já não era um lugar de prazer ou de êxtase. A escola ainda era um ambiente político, pois éramos obrigados a enfrentar a todo momento os pressupostos racistas dos brancos, de que éramos geneticamente inferiores, menos capacitados que os colegas, até incapazes de aprender. Apesar disso, essa política já não era contra hegemônica. O tempo todo, estávamos somente respondendo e reagindo aos brancos. (HOOKS, 2013, p.08).

Essa transição de ensino fez com que hooks enxergasse um estudo segregado entre brancos e negros e ao invés da escola ser uma ambiente de libertação, percebeu a instituição escolar como lugar de dominação, opressão e com lições marcadas de racismo, mesmo que a sala de aula seja uma fonte de constrangimento, poderá ser um espaço com grande potencial de libertação.

Ensinando a transgredir analisa as perspectivas de uma mulher negra que discute o intuito do fim do sexismo para promover a liberdade negra e bell hooks (2013) salienta sobre um novo tipo de educação pautada na prática de liberdade.

Tanto Freire (1996) quanto hooks (2013) abordam a educação como instrumento de transformação e que a partir desse mecanismo o ato de ensinar além de ser considerado como política será também humanizador. Vejamos no quadro abaixo a relação de visões entre os autores sobre o ato educativo:

QUADRO 1 : RELAÇÃO ENTRE AUTORES

RELAÇÃO ENTRE OS AUTORES	
Freire (1996) e hooks (2013)	<p>Processo dialético onde não se pode excluir o aluno pela sua condição social e étnica;</p> <p>Promoveram uma educação pautada na liberdade, na transgressão e na humanização;</p> <p>Desenvolveram a Pedagogia Crítica, ou seja, o aluno como sujeito ativo e autônomo na construção do processo ensino aprendizagem);</p> <p>Uma educação que reconheça as diferenças;</p> <p>A educação como mecanismo ideológico;</p>

Fonte: Autoria própria, 2025.

Nessa perspectiva, a aprendizagem humana é construída na relação intrínseca entre currículo, escola, professor e aluno, pois através dos outros nos constituímos, pelas palavras nos tornamos humanos e através da educação com ênfase no reconhecimento das diferenças nos desenvolvemos de forma completa.

O processo de ensino aprendizagem não se restringe apenas o professor como o único transmissor de conhecimento, o aluno receptor e a escola apenas como uma instituição física. O ato educativo vai além disso. É necessário despertar a escola para a sua função social como instituição representativa, o professor como mediador do conhecimento e o aluno agente significativo e ativo na construção de sua aprendizagem.

RELAÇÃO CURRÍCULO, HOOKS E FREIRE: A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA ATRAVÉS DE HISTÓRIAS

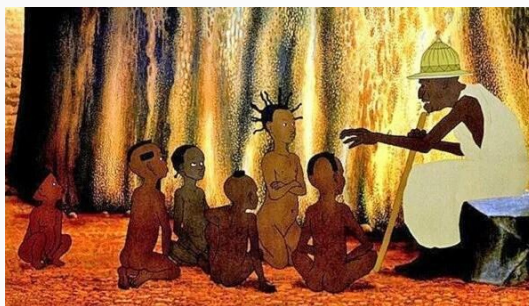
As histórias são verdadeiras fontes de sabedoria, que têm papel formador da identidade. Há pouco tempo, elas foram redescobertas como fonte de conhecimento de vida, tornando-se também um grande recurso para educadores.

Com o advento da comunicação, ampliação dos seus recursos e a globalização das informações, a linguagem falada tende a definir, porém, concomitante a esse desenvolvimento, surgiu uma necessidade de resgatar os valores tradicionais e a própria natureza humana. “A tradição oral

dos contos, não só não reapareceu, como está ganhando força nos últimos tempos.” (BUSATTO, 2006, p. 21).

Para o contexto educacional, a contação é um instrumento de suma importância no desenvolvimento humano, pois acredita-se que a atividade de contar histórias facilita na construção da formação humana começando pela infância, devendo ser reconhecida no ambiente escolar com o objetivo de fortalecer a imaginação, o vocabulário, concentração, a memória e entre outros aspectos relevantes.

Figura 3: Contação de história afrocentrada



Fonte: Revista Xapuri, 2025.

Nessa relação de formação humana, o currículo se torna indispensável como narrativa étnica e racial, pois a questão central consiste em compreender e analisar os fatores que levam a promoção de discursos racistas no âmbito educacional. Para entendermos sobre a perspectiva do currículo nas diferentes abordagens, analisaremos o quadro abaixo.

QUADRO 2 Teorias do Currículo

Teoria Crítica	o currículo lidaria com a questão da diferença como uma questão histórica e política, pois não importa apenas celebrar a diferença e a diversidade, mas questioná-la.
Teoria Pós-modernista	o sujeito não é o centro da ação social. Ele não pensa, fala e produz: ele é pensado, falado e produzido.
Teoria Pós-colonialista	dá ênfase ao hibridismo, mestiçagem, entendendo a cultura nos espaços coloniais e pós-coloniais como uma complexa relação de poder onde ambas, dominadora e dominada são modificadas.

Teoria Pós-estruturalista

questionaria as concepções de masculino/feminino; heterossexual/homossexual; branco/negro; científico/não científico dos conhecimentos que constituem o currículo.

Fonte: Cerezer, 2007.

Nessas concepções, o currículo é entendido de forma ampla, onde histórias são entrelaçadas, vividas e o conhecimento incorpora os conceitos de emancipação e libertação. As tradições orais, por exemplo transmitem valores, princípios e ideologias, que repercutem as teorias do currículo. Freire (1996) e hooks (2013) corroboram com as suas escritas que enfatizam em formar um aluno crítico, reflexivo e autônomo.

Na concepção de Freire (1996), a educação serve de mecanismo para intervir no mundo, ou seja, para promover mudança e transformação. E hooks(2013) compreende que a educação deve reconhecer as diferenças seja de classe, raça ou gênero, pois a escola é um espaço de potencial de libertação.

No que se refere sobre a tradição oral:

[...]é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona os aspectos. Pode parecer caótica aqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação á arte, história, divertimento e recreação[...].(HAMPATÊ BÁ, 2010, p.5)

Como vimos, Hampatê Bá expressa a importância da transmissão oral para que os indivíduos possam preservar as histórias, valores, costumes e tradições que os cercam. Partindo desse pressuposto, desenvolverei na dissertação de mestrado a contação de histórias afrocentradas que poderão contribuir para as representações positivas na infância.

Nessa perspectiva, a contação de histórias representará uma ferramenta estratégica de mediação pedagógica significativa, para que todos

os envolvidos na pesquisa possam se interagir, se constituir e se compreenderem como indivíduos sociais e culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação antirracista propõe a desconstrução de práticas e discursos que perpetuam a desigualdade racial e a valorização das identidades negras e indígenas na escola. Bell hooks (2020) destaca a importância do amor, da escuta e da empatia como fundamentos pedagógicos capazes de romper com a lógica opressora. Para a autora, ensinar é um ato político e de resistência. Já Paulo Freire (1996) concebe a educação como prática de liberdade, na qual o diálogo e a consciência crítica são ferramentas essenciais para a transformação social.

O currículo, sob a perspectiva crítica, deixa de ser um instrumento neutro e passa a ser compreendido como um espaço de disputa simbólica, cultural e política. De acordo com Moreira e Silva (2002), ele é um território em que diferentes vozes competem pela legitimidade dos saberes. Assim, pensar um currículo antirracista implica revisitar conteúdos, metodologias e relações de poder no espaço escolar.

A interseção entre as ideias de hooks e Freire permite refletir sobre a construção de uma educação comprometida com a justiça social, em que o reconhecimento das diferenças se torna eixo central da formação humana. Essa articulação propõe uma pedagogia que resiste à colonização do pensamento e valoriza os saberes subalternizados.

As discussões pautadas sobre o currículo escolas tem sido objeto de muitas pesquisas ao longo de muitos anos. Vários estudiosos, como Freire e hooks, possuem um ponto em comum: a ação do sujeito na práxis e suas teorias tem contribuído para que as questões que envolvem a aprendizagem sejam pontuadas de maneira significativa, pois o campo da educação perpassa por muitos desafios.

Na abordagem freiriana, o ato de ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas apresentar ao educando diferentes formas de apren-

der para que ele seja o agente ativo na construção de sua aprendizagem. Para hooks (2013), a educação deve reconhecer as diferenças existentes no espaço escolar e ser pautada na prática de liberdade.

Verificamos que o currículo escolar é um instrumento que articula e normatiza os saberes, mas que os conhecimentos prévios que os educandos trazem consigo também auxiliam na sua formação. Freire (1996) e hooks (2013) mencionam a educação como processo dialético e humanizador, cuja função do professor é mediar o conhecimento e oportunizar para que o aluno seja o centro do processo e ensino aprendizagem. Entender as visões de Freire (1996) e hooks (2013) para a construção de uma educação antirracista foi indispensável, pois não importa a sua classe, raça e gênero, todos somos importantes no ato educativo.

Ao término das aulas sobre os teóricos, estabelecemos diálogos reflexivos sobre o currículo e constatamos que a construção do conhecimento vai além da relação professor-aluno e da sala de aula, perpassa por encontros de interações, trocas afetivas, criações, recriações e ressignificações, onde todos os indivíduos envolvidos são transformados e reconstruídos.

Sendo assim, o currículo perpassa e se constrói por diversas maneiras, mas temos que levar em consideração que nos constituímos através dos outros, pela troca, pelo mecanismo ideológico e principalmente possibilitar uma aprendizagem significativa, sem se importar com a condição social e étnica.

REFERENCIAS

BUSATTO, Cléo. **A Arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CEREZER, Osvaldo Mariotto. **Documentos de identidade**. Revista aulas. Dossiê Foucault. N3 - dezembro de 2006/março de 2007. São Paulo, 2007.

CHIAPPINI, Ligia. **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DAMASCENO, Ana Maria Pereira. MESQUITA, Maria Eny P. dos Santos. **Contribuições norteadoras do currículo no contexto escolar**. XII Congresso Nacional de Educação. São Paulo, 2015.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe** [recurso eletrônico] / Angela Davis ; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. -São Paulo : Boitempo, 2016.

DUFOUR, Michel. **Contos para curar e crescer**. Tradução de Alice Mesquita. São Paulo: Ground, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. - São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HAMPATÊ BÁ, Amadou. **Tradição Viva**. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África/ editado por Joseph Ki-Zerbo. 2.ed. ver - Brasília: UNESCO, 2010.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade/ bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo / Tomaz Tadeu da Silva . - 3. ed.; 8. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.